



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA**

**JOSELIANE DE APARECIDA BANDEIRA DOS SANTOS SILVA**

**A AULA DE LEITURA COMO EVENTO DE LETRAMENTO:  
ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA DO  
MACIÇO DE BATURITÉ**

**REDENÇÃO-CE**

**2017**

**JOSELIANE DE APARECIDA BANDEIRA DOS SANTOS SILVA**

**A AULA DE LEITURA COMO EVENTO DE LETRAMENTO:  
ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA DO  
MACIÇO DE BATURITÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito necessário para a obtenção do título de licenciado em Letras-Língua Portuguesa.

Aprovado em: 21 / 12 / 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Camila Maria Marques Peixoto

Profa. Dra. Camila Maria Marques Peixoto (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Cláudia Ramos Carioca

Profa. Dra. Cláudia Ramos Carioca (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Maria Leidiane Tavares Freitas

Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares Freitas (Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

## **A aula de leitura como evento de letramento: análise de uma experiência em escola pública do Maciço de Baturité**

Joseliane de Aparecida Bandeira dos Santos SILVA<sup>1</sup>

Camila Maria Marques PEIXOTO<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo analisar uma aula de leitura em escola pública situada no Maciço de Baturité, com base nos pressupostos de Kleiman (2008) e de Braggio (2005), em que a aula é percebida como um evento letramento. Nesse sentido, analisamos as interações ocorridas entre os alunos do 5º ano da escola Municipal Cel. Vicente Ferreira do Vale no município de Redenção e o professor em situação de sala de aula. A aula leitura nessa abordagem sociopsicolinguística tem como objetivo ampliar o nível de letramento do indivíduo, ou seja, formar indivíduos que se percebam leitores competentes e que possam exercer o papel de cidadão ativo na sociedade em que vivem. Para análise das interações ocorridas na aula, fizemos o registro da aula da professora da turma pesquisada e posteriormente aplicamos um questionário aos alunos do 5º ano, relacionando assim o agir real, ou seja, o que a professora efetivamente fez, com a representação construída pelos alunos sobre a aula de leitura. Com a pesquisa, constatamos que a professora ainda se utiliza do modelo mecanicista e que adota, para aula de leitura, métodos pouco engajados para uma formação crítica de leitores, ancorando a aula na velha fichinha de leitura, não dando autonomia ao leitor e nem trabalhando seus conhecimentos prévios, contradizendo, assim, os objetivos em trabalhar a leitura como evento de letramento. Assumimos a concepção de que o papel do professor como mediador dos conhecimentos é de suma relevância, além de possibilitar, através de seus questionamentos, entradas no texto para que os alunos construam significação, a partir dos conhecimentos de mundo.

**Palavras-chaves:** Aula de leitura; Modelos de leitura; Evento de letramento.

---

<sup>1</sup> Graduanda de Letras Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira- UNILAB E-mail: [joseliane\\_bandeiralp@hotmail.com](mailto:joseliane_bandeiralp@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho e professora adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira- UNILAB. E-mail: [camilammpeixoto@yahoo.com.br](mailto:camilammpeixoto@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

Neste mundo globalizado, torna-se necessário que se estimule o sujeito a desenvolver continuamente conhecimentos, capacidades e atitudes desafiando-o a inserir-se socialmente e a executar com competência as tarefas diárias exigidas pelo mundo moderno. Isto torna imprescindível o domínio da leitura competente e eficaz, em que o indivíduo seja capaz de agir no mundo, compreendendo e intervindo de forma crítica em sua realidade.

Diante da importância da leitura, é indispensável que a escola foque na formação de leitores críticos, capazes de interagir de forma consciente no mundo em que vivem. No entanto, mesmo com muitas campanhas para o incentivo a leitura por parte do governo, como, propagandas na mídia, implantação de bibliotecas nas escolas e mudanças nos paradigmas epistemológicos envolvidos no ensino, os resultados de avaliações nacionais denunciam o fracasso dos estudantes brasileiros nas habilidades de leitura. Mesmo que nossos alunos saibam ler, nota-se que são, muitas vezes, incapazes de atribuir sentido ao que leem, é o que chamamos de analfabetismo funcional, segundo a definição da UNESCO. Isso prejudica a utilização da leitura como meio de aprender, como objeto de conhecimento e forma de compreender e interagir no mundo. Segundo a UNESCO, os elevados índices de analfabetismo funcional devem-se a baixa qualidade dos sistemas de ensino público, isso também é evidenciado nos estudos do pesquisador Antenor (2013), que analisou o baixo rendimento dos alunos em relação às capacidades de leitura em escolas da rede pública de ensino.

Segundo resultados da prova Brasil (SAEB), nos anos de 2011, 2013 e 2015, verifica-se que a proficiência em leitura tem variado. Assim, em 2011, a proficiência era de 202,03; já, no ano de 2013, tinha-se 178,03; em 2015, a proficiência subiu para 202,97. Esses resultados incluíram os educandos concluintes do 5º ano do ensino básico fundamental da escola Cel. Vicente Ferreira do Vale que são objeto de nosso estudo. Levando em consideração as escalas de proficiência de Leitura, das quais os níveis variam de um (0-150) a nove (325-350), os alunos da escola analisada se encontram no nível quatro, que denuncia a falta de habilidade por parte deles, em relação ao nível desejável que seria o nove, que se enquadra o leitor proficiente, aquele que não só decodifica as palavras que compõe o texto escrito, mas também constrói sentidos de acordo com as condições de funcionamento do gênero.

A partir dos resultados das provas externas aplicadas pelo MEC, como, por exemplo, SAEB, SPAECE, etc., a leitura hoje tem sido motivo de constantes debates e discussões no âmbito educacional por aqueles que se interessam por essa temática, surge uma inquietação que é saber de que forma a prática pedagógica do professor em sala de aula no ensino da leitura pode ser reorientada para que haja um ensino/aprendizagem efetivo e estratégico da leitura, em que os estudantes superem o estágio da simples decodificação dos elementos do texto. Para desenvolver essa proficiência, o docente precisa proporcionar atividades em que se utilize de diferentes estratégias de leituras voltadas a eventos do uso da leitura e escritas nas práticas sociais, ou seja, articulados diversos elementos, desde os mais individuais aos sociais e culturais.

A nossa pesquisa surge dessa inquietação, no que se refere à qualidade da aula de leitura, uma vez que analisamos uma aula, em situação real, ou seja, sem intervenção de qualquer tipo, revelando assim o agir real do professor. Essa análise possibilita revelar aspectos pouco conhecidos do trabalho docente e da interação ocorrida entre alunos e professores em sala de aula, o que poderá resultar em um olhar mais científico para a situação real das nossas escolas públicas, a partir do estudo de caso que empreendemos.

Apesar de existirem inúmeras pesquisas sobre leitura como evento de letramento, como, *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania* de Rojo (2004), a nossa se torna única, tendo em vista o meio em que os alunos pesquisados estão inseridos. Trata-se de alunos com alta vulnerabilidade social, econômica e a violência, dentro de uma localidade no interior do Ceará, em que as oportunidades de formação e emprego são extremamente escassas. Outro agravante também é a questão dos pais que, na maioria das vezes, nunca frequentaram uma escola, o que consequentemente impossibilita um acompanhamento e um suporte maior aos seus filhos na escola.

A pesquisa está fundamentada a partir dos pressupostos de Kleiman (2008), que fala sobre o letramento, partindo da definição às práticas, e de Braggio (2005), que traz propostas de leitura como modelos, ambas tendo base comum os usos da leitura em sociedade.

Assim, pretendemos com este trabalho esclarecer aspectos opacos do trabalho docente, o que nos permite realizar um diagnóstico que poderá servir para realização de

intervenções mais engajadas com a mudança no agir do professor e na qualidade das aulas de leitura. Isso possibilitaria uma aproximação dos professores a um perfil de profissionais mais interessados na formação do público leitor em nosso país, focado na formação de leitores críticos, a partir de princípios teóricos ideologicamente engajados com essa formação crítica. Nesse sentido, esperamos contribuir com a colocação de algumas pistas que possam ajudar na reorientação da atividade pedagógica no sentido de suprir no educando o que não recebem em casa.

O trabalho está dividido em seis partes, em que contém a exposição das concepções de leitura e de letramento, que são adotadas no artigo, e o desenvolvimento do trabalho, são elas: *Concepções de Letramento – O que é Letramento?*; *Níveis de Leitura*; *Os Modelos de Leitura, Caminhar metodológico, leitura como evento de letramento e O que dizem os alunos entrevistados*.

## **1. O QUE É LETRAMENTO?**

Atualmente, é impossível pensar o mundo em que vivemos sem as práticas da leitura e da escrita, ainda que existam culturas essencialmente orais. É devido à grande relevância na sociedade grafocêntrica, que estas práticas merecem total importância na vida das pessoas, uma vez que utilizam a leitura e a escrita em suas práticas rotineiras, por exemplo, escrever uma lista de compras, ler rótulos, datas de validade entre outras. Essas práticas, para o sujeito letrado, são apenas uma forma de se comunicar e agir no meio em que vivem, agem automaticamente e quase sempre inconscientemente, sem grandes esforços interpretativos, principalmente para aqueles que são escolarizados.

Relacionado a essas práticas de uso da leitura e da escrita, surge na literatura especializada o termo letramento. A palavra letramento ainda não está dicionarizada, pela complexidade e variação dos tipos de estudos que se enquadram nesse domínio, podemos perceber a complexidade do conceito a partir da historiologia feita por Kleiman (2008). Nesse sentido, a autora explica que o conceito de letramento surgiu nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos de alfabetização e o “impacto social da escrita”, implicado no letramento. Kleiman (2008) lembra que Freire já utilizava a palavra alfabetização com um sentido de letramento usado hoje, pois no início da alfabetização, Freire esperava que o estudante despertasse uma consciência crítica e reflexiva sobre o processo, assim como esperamos hoje dos estudantes que

vejam a relevância e atribuam significados às leituras que realizam, tanto a de mundo quanto a da palavra escrita.

A autora expõe que o letramento não é um método utilizado para o ensino da escrita, mas envolve a imersão do sujeito no mundo escrito, por isso, segundo a pesquisadora, para o professor proporcionar esta imersão de seus alunos, ele precisa adotar práticas diárias de leitura em sala, voltadas para o evento de letramento, que deverão ser abordadas de forma diferente, dando continuidade ao ato de ler de maneira significativa e real. O letramento, ainda segundo Kleiman (2008), envolve um conjunto de habilidades e competências, envolve também múltiplas capacidades e conhecimentos.

Nesse mesma perspectiva, de acordo com os PCN's, (1998) a leitura é definida como:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (p. 53)

Para que o leitor seja capaz de construir e dar sentido o que está lendo, é necessário que seu ato de proceder seja consciente, baseado em fatos reais do tema escolhido, pois não se passa adiante apenas a representação das ideias pelos sinais e sim, o que se compreendeu dela, posicionando-se e apresentando sua própria interpretação e interagindo no mundo através dos usos da linguagem escrita.

No contexto escolar, em grande parte, a leitura é uma atividade que acontece sem objetivos claros ou apenas como pretexto para outras atividades como: cópias, resumos, estudo da gramática e outras, não sendo, dessa maneira um evento de letramento.

[...] quando se trata de leitura, de interação à distância através do texto, na maioria das vezes esse estudante começa a ler sem ter idéia de onde quer chegar, e, portanto, a questão de como irá chegar lá (isto é, das estratégias de leitura) nem sequer se põe (KLEIMAN, 2002, p. 30).

Por essa razão, os estudantes precisam aprender a ler com diferentes intenções e objetivos diversos, o que lhes permitem ativar um grande número de estratégias. Outro aspecto já mencionado é a motivação. Para que a tarefa de leitura seja motivadora o conteúdo do texto deve estar ligado aos interesses de quem lê e ter uma finalidade. Também é preciso assegurar que os leitores disponham dos conhecimentos necessários para abordá-la. Quando a leitura envolve a compreensão, ela torna-se um instrumento útil para aprendizagens significativas. O leitor que compreende o que lê, está aprendendo, mesmo que de forma não intencional. Por isso, os professores têm uma tarefa importante de ensinar os alunos a compreender e aprender a partir da leitura. Dessa forma, estarão contribuindo para que possam aprender a aprender de forma autônoma nas variadas situações.

## **2. OS MODELOS DE LEITURA**

Para análise da aula de leitura, adotamos os modelos de leitura descritos e sugeridos por Braggio (2005). Para a autora, existem quatro modelos de leitura possíveis na prática do professor: *modelo interacionista; psicolinguístico; interacionista e sociopsicolinguístico*. O aparecimento do modelo de leitura adotado em sala de aula é motivado pelo contexto sócio histórico, e a utilização desses modelos, em sala de aula, traz inúmeras consequências relacionadas à formação de leitores e, conseqüentemente, à formação do indivíduo (BRAGGIO, 2005).

Essas conseqüências devem aparecer de forma positiva na vida dos educandos, pois como Paulo Freire (2006, *apud* PEIXOTO, 2007) muito bem destaca deve-se acreditar numa educação não como prática ingênua, mas como um meio de intervir no mundo. Nesse sentido, a escolha de um modelo de leitura deve estar interligada a ideologia predominante ou mesmo à desnaturalização dessa ideologia, não havendo, assim, formação neutra.

Como afirmamos no início da seção, de acordo com Braggio (2005), podemos identificar quatro concepções de leitura cristalizadas nas práticas dos professores, sendo essas concepções de leitura o norte para a aula e para a formação de leitores.

Segundo Braggio (2005), o *modelo mecanicista ou tradicional* de leitura é baseado na psicologia behaviorista, que não percebe o aluno como um indivíduo sócio histórico, excluindo-o de uma prática participativa e ativa do de construção de sentidos do texto na aula de leitura. A base é a retirada de informações do texto, havendo pouca



possibilidade de ativação e negociação de sentidos e de interação com os conhecimentos prévios do leitor. Para a autora, os teóricos que criaram esse modelo de leitura entendem a leitura como uma forma de extração de significado do texto, havendo uma única possibilidade de leitura “correta”, sobrando, assim, espaço para a construção de outros sentidos possíveis para o texto. A leitura autorizada e exclusiva é aquela definida pelo autor do texto, ou pelo professor em situação de sala de aula, no caso. Um exemplo dessas ações com base nessa concepção de leitura é a utilização das fichas de leitura anexadas aos livros paradidáticos. A autora ainda afirma que ações pedagógicas iniciadas por verbos como: retire, circule, localize etc. são indícios da concepção mecanicista de leitura. Nessa perspectiva, o leitor não participa da construção de significação do texto, assim não interessa o seu posicionamento, muito menos seus conhecimentos prévios, sendo ele concebido como uma tábula rasa, ou seja, um indivíduo sem história, sem lembranças e sem formação social. (BRAGGIO, 2005 *apud* PEIXOTO, 2007)

A autora também esclarece a existência da concepção *psicolinguística de leitura*. Nessa concepção, o foco da leitura são os conhecimentos prévios do leitor que se tornam indispensáveis para um maior grau de compreensão do texto. A compreensão está relacionada à busca de significados no texto, sendo essa significação relacionada ao conhecimento que o leitor traz sobre o assunto. Nesse modelo de leitura, as questões de leitura podem ser respondidas sem a interação necessária entre o texto. Um exemplo de questões baseadas nesse modelo de leitura são aquelas perguntas em que o leitor responde sem o auxílio do texto. Questões como o que você acha..., diga a sua opinião sobre... São exemplos de atividades de leitura baseadas nesse modelo.

Outro modelo de leitura é o *interacionista*, para a autora, o mesmo diferencia-se dos outros modelos por compreender a linguagem como algo concreto, dentro de uma *situação real de comunicação*, em que interagem indivíduos em comunidades discursivas existentes e de cultura diversificada. No modelo interacionista, o foco maior acontece na interação entre autor e leitor através do texto, sendo o texto o espaço de encontro entre o leitor e autor, que está na fonte do dizer. Dessa forma, a base para a leitura está no processo de interação entre os conhecimentos prévios do leitor e as pistas materiais do projeto de dizer do autor do texto.

Finalizando os modelos de leitura, destacamos o modelo *sociopsicolinguístico* sugerido por Braggio (2005). Para a autora, a leitura, leitores e formador de leitores são idealizados em uma dimensão diferente, uma vez que a interação necessária para

ocorrer a construção de sentido do texto não acontece apenas individualmente entre leitor-autor do texto, mas dentro do coletivo da aula de leitura, através do encontro dos sujeitos envolvidos no evento de leitura (professores e alunos) na construção de novos sentidos (PEIXOTO, 2007). Assim, o foco desse modelo de leitura é o evento construído em sala de aula, constituído pela voz do professor, mediador dos conhecimentos, as vozes dos alunos, construtores de sentido, sendo o entrecruzamento dessas vozes, no espaço criado na aula de leitura, o lugar de criação de novos sentidos para o texto, levando em conta todo o compendio de conhecimento científico e de mundo dos leitores.

Portanto, qualquer evento de leitura deve ser visto dentro de uma matriz pessoal, social, histórica e cultural, pois *não somente o que o leitor traz para a transação de sua experiência passada de vida e de linguagem, mas também as circunstâncias socialmente moldadas* devem ser levadas em consideração. (ROSENBLAT, 1978 *apud* BRAGGIO, 2005).

Esse último modelo de leitura é muito importante em nossa pesquisa, na medida em que consideramos a aula um evento de leitura, sendo o professor o mediador dos conhecimentos e a voz de autoridade que orchestra as vozes dos alunos na construção de novos sentidos para o texto. Dessa maneira, consideramos a escola a maior agência de letramento dos alunos (KLEIMAN, 2008), em que os usos reais da linguagem são trazidos de maneira organizada para a escola, que tem como objetivo ampliar o nível de letramento dos alunos e, conseqüentemente, ampliar os instrumentos interacionais dos alunos.

### **3. CAMINHAR METODOLÓGICO**

Com o objetivo de analisar uma aula de leitura como evento de letramento, com base nos pressupostos de Kleiman (2008) e de Braggio (2005), o propósito dessa seção é apresentar a metodologia da pesquisa, expondo os passos seguidos e os procedimentos adotados à condução do estudo, coleta, tratamento e análise dos dados. Dessa forma, permitir uma melhor compreensão e entendimento da investigação do trabalho em questão.

#### **3.1 Natureza da pesquisa**

A metodologia utilizada foi o *estudo de caso*, em uma abordagem qualitativa no tratamento dos dados. Segundo Marconi e Lakatos (2003), estudo de caso consiste em uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro do contexto da vida real, consistindo na descrição detalhada de um contexto específico, de uma pessoa, de um grupo, ou seja, uma escola, um aluno, um grupo de professores, respectivamente. O objetivo é investigar um fenômeno complexo, de maneira localizada, para realização de generalizações gerais relativas ao problema.

Quanto à abordagem de análise, utilizamos a pesquisa qualitativa, que, para Lüdke (2003) tenta descrever e compreender as situações e os processos de maneira integral e profunda, considerando inclusive o contexto que envolve a problemática estudada.

O nível de investigação utilizado foi o descritivo; o estudo realizou-se com um número reduzido de casos, mas a profundidade abrangeu todos os aspectos psicossociais que afetava a conduta humana dos casos estudados.

Este nível de investigação consiste fundamentalmente em caracterizar como se apresentam as variáveis em estudo, quais são seus traços mais característicos. Procura descrever os fenômenos e traçar possíveis relações entre as variáveis. Sua missão é fazer conhecer a situação real, e pode estabelecer hipóteses para posteriores estudos explicativos. (ALVARENGA, 2012, p. 41)

### **3.2 Contexto da pesquisa**

A EMEIEF. Cel. Vicente Ferreira do Vale situada à Rua Vicente Ferreira do Vale, nº 40 na localidade de Boa-Fé, Redenção – CE encontra-se credenciada no Conselho de Educação do Ceará desde o ano de 2006. Mantida pela prefeitura municipal de Redenção possui Unidade Executora desde o ano de 1999 através do Conselho Escolar, o qual é formado por gestores, professores, funcionários alunos e pais de alunos, onde recebe anualmente recursos do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) para compra de materiais de consumo e permanentes.

É considerada uma área de risco social e vulnerabilidade, visto que existem altos índices de drogas e criminalidade. A maioria dos pais são desempregados, alguns vivem do trabalho informal ou sobrevivem de programas federais como o Bolsa família, e uma pequena minoria se deslocam para a capital do estado (Fortaleza) para trabalhar.

O corpo administrativo da escola é formado pelo diretor, professor Francisco Cláudio Santos de Andrade pela coordenadora pedagógica, professora Rocicler Oliveira da Silva, e 01 auxiliar administrativo. O corpo docente é formado por 09 professores, sendo 05 efetivos e 04 com contratos temporários, e ainda contamos com 02 auxiliares de serviços gerais, 01 merendeiras, 01 porteiros e 01 vigia. A escola possui um Regimento interno no qual estão contempladas as funções de todos os funcionários da instituição.

A escola tem a missão de contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes, preparados para exercício da vida profissional e para enfrentar os desafios do mundo moderno; ser comprometida com a transformação da sociedade e ainda contribuir para que os alunos desenvolvam suas habilidades, bem como a sua realização como ser humano com ideais de solidariedade e amor ao seu semelhante.

A comunidade na qual a escola está inserida é caracterizada como uma área de risco social e vulnerabilidade, onde o desemprego, o trabalho informal o alto índice de drogas e a criminalidade afetam os moradores e em consequência o desempenho dos alunos na escola.

Ainda existem algumas casas de taipa na localidade, não existe saneamento básico, as ruas não são asfaltadas, algumas têm calçamentos, outras não. A comunidade possui uma pequena capela, alguns mercadinhos, um posto de saúde, um campo de futebol, um posto de gasolina, uma escola e uma creche, ambas municipais.

### **3.3 Coleta de dados**

A coleta de dados foi feita através de registros de áudio, transcritos de acordo com as normas da NURC (Norma urbana oral culta). A transcrição realizada resultou da aula de leitura do 5º ano do ensino fundamental, que observamos e que gerou os nossos dados para análise. Os alunos juntamente com a professora; foram os sujeitos pesquisados, o evento de leitura e o espaço de interação em que os significados sobre o texto foram construídos ou não; nosso objeto de pesquisa,

Aplicamos também um questionário aos alunos, a escolha foi feita de forma aleatória, em que contamos com dez participantes, com faixa etária entre 10 e 12 anos, de ambos os sexos. Constituído de seis questões abertas. Realizamos as seguintes questões: 1. Você gosta de ler? 2. Em sua opinião, qual a importância da leitura para a sociedade? 3. O que você acha sobre produzir textos para que outras pessoas de dentro e

fora da escola possam ler? 4. Quais gêneros textuais você costuma ler em sala de aula? 5. Quem faz a escolha dos textos trabalhados em sala? 6. Cite um dos tipos de textos que mais gosta de ler. Liste os gêneros que você mais gostou de ler com os colegas e a professora. As respostas do questionário foram analisadas na seção analítica intitulada “o que dizem os alunos”.

Sobre a docente, que foi a mediadora na aula de leitura, fizemos uma sondagem em conversa inicial para coletarmos informações sobre o seu perfil profissional. Verificamos que ela exerce a função de professora há sete anos e entrou na escola no ano de 2017, sendo professora temporária. Ela possui uma formação em Letras e atua como polivalente na escola. No contexto de nossa pesquisa, ele realizava o planejamento das ações e a execução na aula sem nenhuma intervenção de nossa parte.

#### **4. LEITURA COMO EVENTO DE LETRAMENTO**

Como já discutimos na seção que trata sobre concepção de leitura, sabendo-se que leitura é um tema muito estudado e debatido por vários educadores e pesquisadores, tendo muitas perspectivas teóricas que a definem. Dessa maneira, não podemos pensar que é um processo simples de ser trabalhado em sala de aula e muito menos de ser investigado. Temos consciência de que em nossas escolas públicas as preocupações sobre a leitura vão sendo reforçadas ao sabor da imposição dos programas educacionais e dos resultados das avaliações.

É preciso que não fiquemos quietos e sim que busquemos a identificação de novas propostas pedagógicas que nos ajudem a superar as dificuldades do aluno. A proposição de novas propostas passa necessariamente pelos diagnósticos dos problemas reais enfrentados pelos professores em sala de aula. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é analisar uma aula de leitura, em situação real de sala de aula, focalizando as concepções de leitura que atravessam o fazer do professor e a construção de sentido do texto realizado pelos alunos. Assim, o nosso foco é aula de leitura, concebendo-a como um *evento de letramento* (KLEIMAN, 2002), ou como um evento de construção de sentidos, na percepção de Braggio (2005).

Analisamos como a professora faz a mediação dos conhecimentos e possibilita a construção de sentidos possíveis para o texto. A metodologia utilizada para a geração dos dados foi a observação da situação de leitura, e posteriormente, transcrições da aula

observada. Essas transcrições são, na verdade, o nosso corpus, sendo o nosso objeto de estudo a aula de leitura, como evento de letramento.

Para análise dos dados, segmentamos o texto, a partir de três critérios: *início da aula*, em que deveria haver a *predição* do texto; *as interações* ocorridas entre alunos e professora, ocasionadas a partir de entradas no texto realizadas através das questões e o *final da aula*, em que deveria haver uma ressignificação do texto, ou seja, a construção de novos sentidos. A nossa análise é realizada a partir da divisão temática possibilitada pelos três critérios de segmentação que utilizamos. Essa divisão teve como base linguística a escolha lexical dos professores e alunos na construção do texto oral que analisamos.

Consideramos que para toda e qualquer aprendizagem é fator primordial que o indivíduo tome como base a leitura. O poder que a leitura nos proporciona é enorme. Por meio dela, podemos entrar em contato com pessoas a longa distância, ingressar em mundos totalmente desconhecidos e inacessíveis, viajar no tempo, manipulando-o a nosso modo.

A leitura nos permite ainda o envolvimento com ideias ou acontecimentos em uma proporção e em uma sequência por nós determinados. No entanto, o estudo de caso nos revelou que a professora não atuou como agente oferecendo aos alunos oportunidade de serem bons leitores, não fazendo interferências, a partir da leitura, não incentivando o conhecimento prévio e nem mesmo a exploração a heterogeneidade do grupo. Isso possibilita uma ação pedagógica esvaziada de sentido para os alunos, não havendo conscientização e trabalho quanto aos usos da linguagem, numa perspectiva de ampliação do letramento dos alunos.

No início da aula, que deveria ser realizada a predição, a aula foi desenvolvida basicamente no *modelo mecanicista*, utilizando as formas de leitura tradicionais e não possibilitando a interação do leitor com o texto e, infelizmente, por mais que o discurso dos programas de intervenção na educação do país seja a formação do cidadão crítico, ainda é bastante comum alguns educadores utilizar como base esse modelo distanciado do que se espera nas atividades de compreensão de textos. O trabalho com a leitura, num primeiro momento, pode parecer voltado à compreensão efetiva do texto, mas, no fim, de algum modo, a leitura é cobrada, direta ou indiretamente, pela já velha e tradicional ficha de leitura. Como podemos verificar no excerto abaixo, exemplo da interação entre professor e aluno em sala de aula analisada.

P - [...] pra resolver a folhinha, vocês tem que fazer o quê?  
Alunos - LÊ!  
P - Lê?... Ler o que?  
Alunos - Ler o texto!  
P - O texto não!  
Alunos - as questões? O Livro... o livro.... o livro?  
P – Tem que ler o livro né, gente? Lê todinho, a história, qual é o assunto central do livro... do que o livro se trata, quem são os personagens... autor do livro... o autor do livro tem que ter né, gente? (risos)... Depois de fazer a análise do livro, vocês vão lá pra folhinha e vão responder a fichinha de acordo com o que esta no livrinho. Certo?  
Alunos – CERTO. (Transcrição 1 da aula analisada)

Tomando como base o modelo sociopsicolinguístico, no qual seria o modelo ideal, com uma perspectiva de leitura como evento de letramento, em que essa leitura pudesse acontecer a partir de experiência do aluno e não subjugados aos critérios do professor, nota-se através do registro do áudio, que a professora não explorou o conhecimento de mundo, não os motivou a debater aspectos que os envolvesse como sujeito na interação com o mundo, o que possibilitaria uma melhor compreensão e interpretação do texto, levando em consideração que o sentido sócio-historicamente constituído está vinculado a posição do aluno dentro da sociedade, inerente a formação discursiva. Percebemos, no fragmento abaixo, que o professor segue o roteiro estabelecido pelo autor do livro didático e pela ficha de leitura, fechando as possibilidades de significação do texto analisado. O papel dos alunos é reconhecer as informações explícitas do texto ou aspectos mais superficiais do contexto, como reconhecer o nome do autor.

P – Agora vamos resolver as questões...  
A1 – Que questões?  
P – Do livro que acabei de dá a vocês aí.  
A1 – Ah sim..., mas eu não resolvi, “fessora”! Tem algumas questões em branco ainda.  
P – NÃO TEM PROBLEMA! Vamos resolver de forma coletiva, cada um lê suas respostas.  
Alunos – “TÁ” CERTO!  
P – Quem é o autor do teu livro, Calebe?  
Calebe – não coloquei. Não sei o que é autor.  
P – Mas eu expliquei quinhentas vezes o que é autor.  
Calebe – Mas mesmo assim não sei...  
P- MISERICORDIA! [...]  
P – Agora, para finalizar a nossa aula de leitura, vocês vão retirar do texto dez palavras que não conhecem no texto, e depois vão procurar no dicionário.  
A2 – Mas nós sabe de todas.  
P – Não é “nós sabe” o correto e nós sabemos. Mas enfim, é impossível vocês conhecerem todas as palavras. Façam o que eu disse!  
A2 – Aff, professora, atividade chata essa.

P – olha, quem fizer primeiro e bem direitinho vai ganhar R\$: 1,00 (um real) como premiação.

Alunos – OBA!

A3 – É pra já, titia linda!

P – (risos)

(Transcrição 2 da aula analisada)

A análise da aula de leitura transcrita acima reforça ainda mais o método mecanicista adotado pela professora. Nesse contexto, a atividade de leitura e compreensão não devem ser a de meramente levar os alunos a leem para depois “copiar” o que uma personagem disse, ou o que o autor disse; leem para retirar do texto palavras desconhecidas; leem para procurar “erros” de ortografia ou para observar no texto o que eles aprenderam nas aulas de gramática, ou leem para responder a uma chamada oral do professor, para poder provar que leu o que ele pediu. Nas palavras da professora, *Agora, para finalizar a nossa aula de leitura, vocês vão retirar do texto dez palavras que não conhecem no texto, e depois vão procurar no dicionário, o foco é o reconhecimento das palavras desconhecidas e a busca de sentido no dicionário, não havendo espaço para a compreensão dos efeitos de sentidos que podem ser atribuído às palavras.*

Podemos observar que a professora não instiga o aluno a fazer inferências nem usar dos seus conhecimentos prévios para a resolução e consolidação dos objetivos da aula ou ainda, não os fazem se apropriar da escrita a partir de suas vivências socioculturais, sem que os alunos tomem consciência da importância de ler e escrever dentro da sociedade. As escolhas lexicais da professora reforçam essa interpretação em relação à adoção da concepção mecanicista, quando ela fecha as possibilidades de leitura, através do retorno às questões, em *Agora vamos resolver as questões..., Vamos resolver de forma coletiva, cada um lê suas respostas.*

A professora apenas impõe-lhes que retirem palavras de forma descontextualizadas sem mostrar-lhes o objetivo didático, nos mostrando, que, para eles, a aula de leitura não faz o mínimo sentido, uma vez que atividade é esvaziada de uma ação social, não levando em consideração os usos reais de escrita e leitura do texto analisado pelos alunos. Os alunos consideram a atividade como uma ação chata, realizando julgamento e sendo recompensados com R\$: 1,00 (um real). A atribuição de sentido é realizada de forma externa, não havendo sentido pedagógico para ação em sala de aula.

A leitura efetiva e proficiente serve para formar leitores pensantes e críticos que saibam resolver problemas novos e jamais vividos. Não basta copiar o que o autor disse,



tem que formular suas próprias ideias para defender ou criticar o autor, ou aplicar o novo conhecimento ao seu cotidiano.

Introduzindo uma nova perspectiva de leitura do modelo sociopsicolinguístico que supõe a mobilização de vários níveis de conhecimento que na visão de Kleiman (2008), dizem respeito às operações cognitivas de ordem superior, como a inferência, a evocação, a analogia, a síntese e a análise. Quando se pensa em leitura essas habilidades são consideradas importantes na formação do leitor.

Na aula analisada, verificamos que a aula de leitura não é o evento de letramento que esperamos, já que os alunos não encontram sentido para a realização da atividade. Dessa maneira, os educandos não estão sendo preparados para a leitura que precisam realizar em suas atividades diárias e muito menos para compreender e intervir socialmente. Evidentemente, não queremos aqui atribuir ao professor toda a responsabilidade da formação crítica de seus alunos, compreendemos que esse profissional possui condições de trabalho precárias, não dependendo exclusivamente dele a formação de seus alunos. Há várias outras instâncias envolvidas na formação dos alunos que devem ser consideradas, como, por exemplo, a melhoria das condições de trabalho e formação dos professores, a melhoria das condições de infraestrutura das escolas, etc. Todas essas instâncias passam pela vontade política de mudança na realidade educacional.

## **5. O QUE DIZEM OS ALUNOS ENTREVISTADOS**

Consideramos importante analisar as representações que os alunos constroem da aula de leitura. Nesse sentido, aplicamos questionários que tinham como objetivo dar voz aos alunos sobre a aula de leitura, evidenciando as suas aspirações sobre esse momento da aula. Através dos questionários, procuramos colher dos sujeitos informações a respeito de como acontece o trabalho de leitura e letramento.

Inicia-se a pesquisa perguntando se as crianças gostam de leitura. Das crianças entrevistadas 90% nos responderam que gostam sim, 10% disse gostar mais ou menos. Embora a grande maioria tenha nos dado respostas positivas, ainda ficou a dúvida se responderam simplesmente para dá uma resposta ou se realmente gostam, uma vez na aula de leitura pareciam não dar sentido à atividade. Isso nos faz refletir sobre os

objetivos de leitura dos alunos, que, na grande maioria das vezes, não são considerados pelos professores em situação de sala de aula.

Percebe-se conforme as respostas dadas que os alunos ainda não despertaram a importância do ato de ler para a interação dele no mundo. Portanto, o primeiro passo da escola consiste em assegurar um correto e adequado processo de iniciação à leitura, direcionado principalmente a atividades que envolva tanto a leitura quanto a escrita para a prática social, que tal competência será cobrada posteriormente nas provas externas, em que o educando terá que construir a partir da sua interação e dos seus processos interpretativos na discussão e apreciação dos significados atribuídos ao texto, com várias interpretações dentro de um clima amigável e com resultados significantes para os leitores e professores.

No tocante a produção de textos, em sala de aula a partir da interação e dos processos interpretativos da leitura dos alunos, 90% dos alunos entrevistados responderam o seguinte: “acho muito bom e legal” sem acrescentar mais nada. Apenas 10% dos entrevistados nos deram como respostas que com a produção de textos em sala de aula conseguem aprender a ler melhor, a escrever melhor, e se desenvolver como escritor, conseguindo assim, fazer uso da escrita desde um pequeno bilhete para um colega de sala a um texto mais elaborado, como uma notícia por exemplo.

É importante destacar que para vencer as dificuldades e dominar a leitura e a escrita, é importante realizar atividades das mais diversas, sempre informando, formando e despertando a criatividade do aluno, além de trabalhar o senso crítico, aproveitando as experiências culturais e sociais, para daí empreender a “leitura de mundo”.

Com relação aos tipos de textos estudados em sala, as respostas obtidas pelas crianças foram bem objetivas, pois responderam de forma unânime “os textos do livro”. No caso, os textos do livro didático, o que reforça a centralidade desse instrumento em sala de aula.

O contato com o objeto do conhecimento em seu cotidiano (conhecimento prévio), aliado à vontade de interpretar o sistema de leitura/escrita leva a criança a formular hipóteses, ajustando-as até a escrita convencional. Isso ocorre no momento em que a criança entra na escola, cujo espaço físico deve garantir além do acesso às informações, a formação de valores que prepara o sujeito para efetiva participação social.

É necessário que os indivíduos estejam imersos em um ambiente de letramento a fim de que possam entrar no mundo letrado, para que a leitura se transforme em necessidade e forma de lazer para eles.

De acordo com 100% dos alunos entrevistados, somente a professora é quem escolhe os textos a serem trabalhados por eles em sala de aula. Somente 70% dos alunos afirmaram produzir textos em sala; 20% ainda acrescentaram dizendo que às vezes a professora usa outros textos, e 10% disse que só leem duas vezes na semana. Isso reforça o predomínio da concepção mecanicista de leitura, em que o responsável pelo ato de ler é o professor. No caso da aula analisada, é preciso também compreender a importância do material utilizado pelo docente para aperfeiçoar a leitura, de sua centralidade, pois, na verdade, é ele que seleciona os textos a ser trabalhados em sala de aula, assim como as questões que serão desenvolvidas pelos alunos.

O professor não deve ser o único a determinar o que ler, mas oportunizar ao aluno contato com diversidade de materiais de leitura (jornais, revistas, livros..., respeitando-se o nível de aprendizagem de cada um). Portanto, quanto maior a diversidade e possibilidades, maiores serão as condições de desenvolver a habilidade do pensamento, pois a leitura na escola oportunizará diferentes pontos de vista.

Finalizando a pesquisa pedimos para que as crianças citassem os tipos de textos que a professora já trabalhou com eles em sala e que listassem os que eles mais gostaram. Alguns gêneros foram citados como: contos, poemas rimados, receitas. Dentre todos eles, os mais destacados pelas crianças, como os que mais gostam, foi o trava língua e piadas.

É importante ressaltarmos também que considerando as próprias experiências, grande parte da aprendizagem ocorre através da observação do comportamento de outras pessoas, o que significa que o exemplo é o meio mais eficaz de influência comportamental, pois quando o gosto pela leitura é adotado desde cedo e de forma objetiva, deverá atingir patamares mais elevados quando a criança tem como referência o próprio professor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a realização dessa pesquisa, podemos concluir que a leitura não se constitui em um ato solitário, nem em atividades individuais, o leitor é sempre parte de

um grupo social que certamente conduzirá para esse grupo constituinte de sua leitura, da mesma forma que a leitura oferecerá vivências vindas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida.

Infelizmente, a escola não descobriu ainda o potencial da leitura e permanece o ensino de uma leitura instrumental, mecânica esvaziada de sentido. No entanto, a escola pode e deve trabalhar, desde as séries iniciais, com textos de natureza diversificada; com textos que apareçam do cruzamento de linguagens variadas e, que possibilitem ao indivíduo explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal.

Com relação ao modelo utilizado pela professora, percebe-se que sua prática não rompe com um modelo de leitura repetitiva, realizada em sala de aula e nem permite que o leitor construa os seus significados ativando seus conhecimentos anteriores, suas vivências e assim, os valores que compartilham com a sua comunidade, não conseguem estabelecer consonância com os temas abordados e nem preparar o aluno para a utilização proficiente da leitura dentro e fora de sala aula.

Aprender a decodificar somente não pode ser visto como o único objetivo da vida escolar. Ao conhecer a leitura, em toda a sua força produtiva, abrimos um leque de possibilidades para a aquisição de conhecimentos, desenvolver raciocínios, ampliar a visão de mundo, do outro e de si mesmo, inteirar-se ativamente da vida social. Dessa forma, de início, pode-se pontuar, a relevância da função do professor como agente mediador para os alunos nesse processo. O aluno precisa de apoio, informação, incentivo e dos desafios proporcionados pelo educador.

Enfim, nessa pesquisa, pretendemos provocar um olhar sobre a ação do docente, em uma perspectiva de perceber seu compromisso e responsabilidade na promoção de atividades de leitura, que visem à integração social, depreendendo-se de mecanismos tradicionalistas, expandindo conhecimentos e oportunizando novas construções de sentidos e saberes aos nossos alunos, por meio de aulas de leitura participativas e desafiadoras.

Nesse sentido, é necessário também o estímulo ao conhecimento de forma criativa, em constante compromisso com as práticas sociais. Para isso, é importante a formação

de profissionais da educação, possibilidade de uma mediação engajada na construção de uma sociedade formada por cidadãos críticos e pensantes.

---

## **BIBLIOGRAFIA**

ALVARENGA, E.M. **Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa: Normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos.** 2ª Ed. 1ª Reimpressão. Versão em português: Cesar Amarílis, 2012.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília, MEC/SF,1998.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonal. **Leitura e Alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística.** São Paulo: Artmed, 2005.

KLEIMAN, Ângela B.. **Oficina de Leitura,** Campinas. Pontes, 2002.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas – 6ª impressão.** EPU, 2003.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico.** 6ª.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PEIXOTO, Camila Maria Marques. **Análise da proposta de planejamento de aulas de leitura do material didático do ProJovem.** Dissertação de mestrado, UFC, 2007.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania.** São Paulo: See: CenP. 2004

SOLÉ, Isabel: **Estratégias de Leitura.** 6ª ed. Porto Alegre. Artmed. 1998.

## **Referencias Eletrônicas:**

Disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opiniao-analfabetismo-funcional/> aceso em 09/11/2017 as 02:47H